

A hand is shown holding a dark, rough, rectangular object, possibly a piece of wood or stone, against a blurred background. The object has a textured, weathered appearance. The hand is positioned in the center-right of the frame, with the fingers gripping the object. The background is a soft, out-of-focus gradient of light and dark tones, suggesting an outdoor setting.

PAI
SA
GEM
VERTI
CAL

EDU MONTEIRO

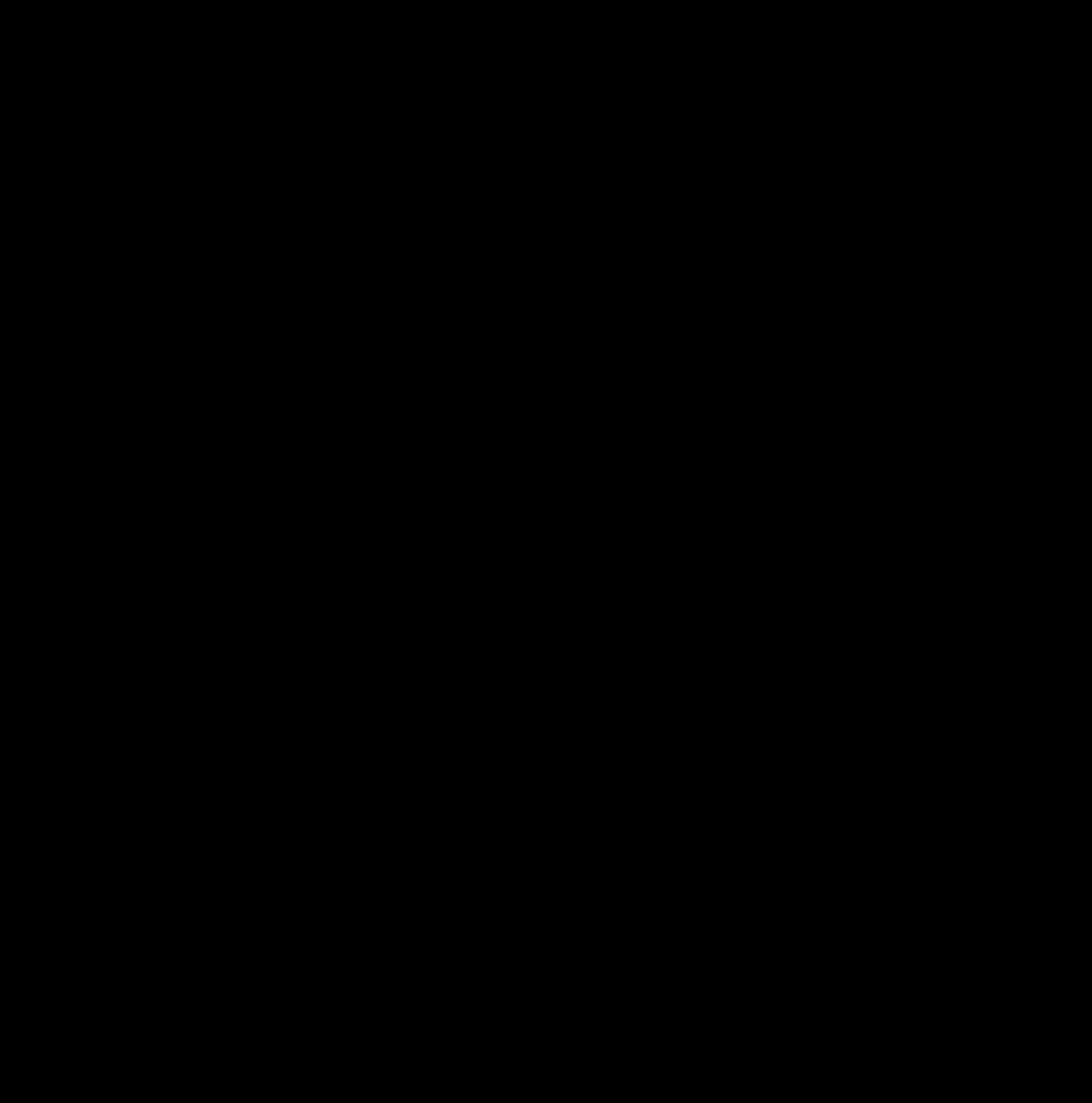
XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

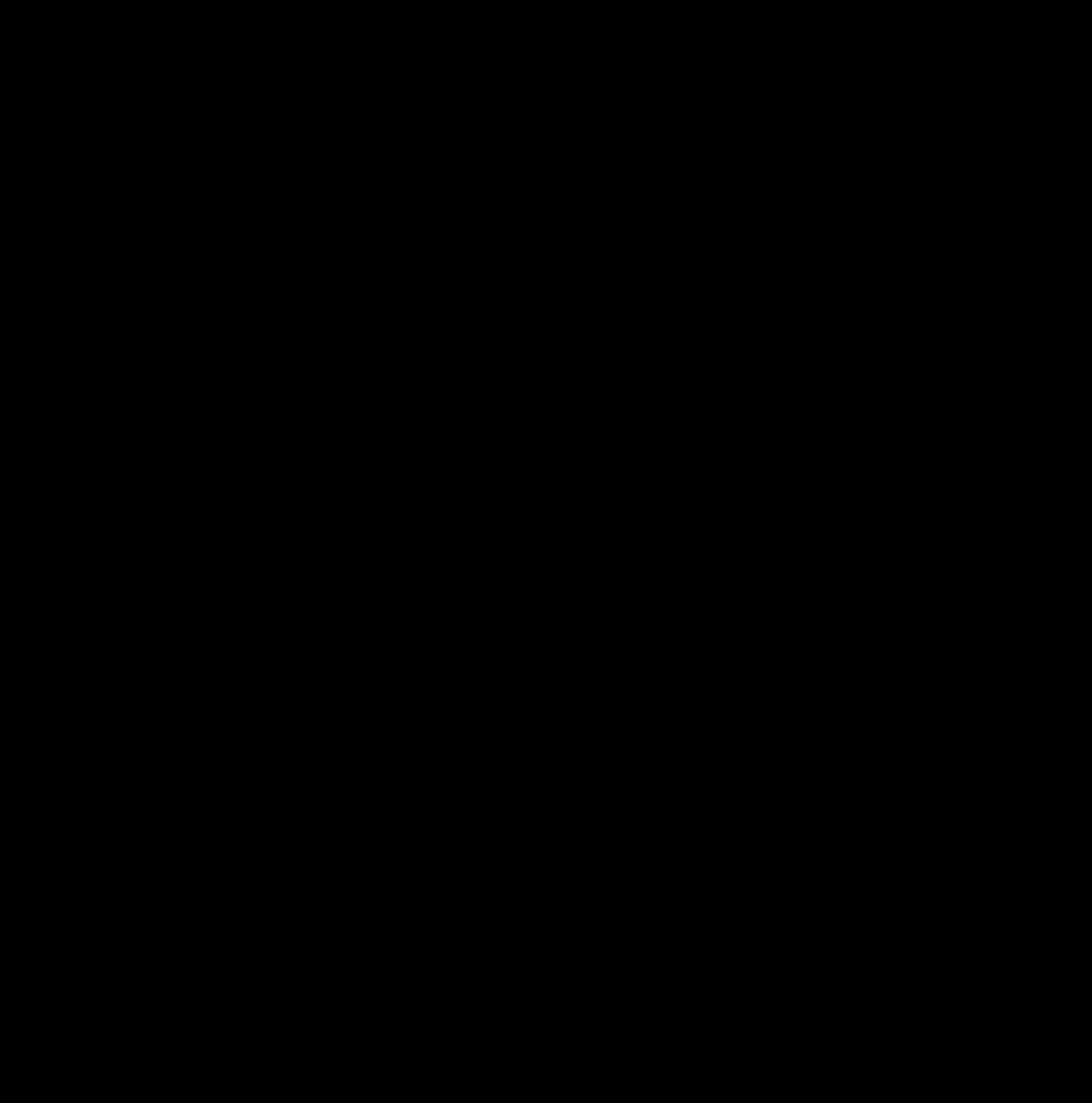
PAI
SA
GEM
VERTI
CAL

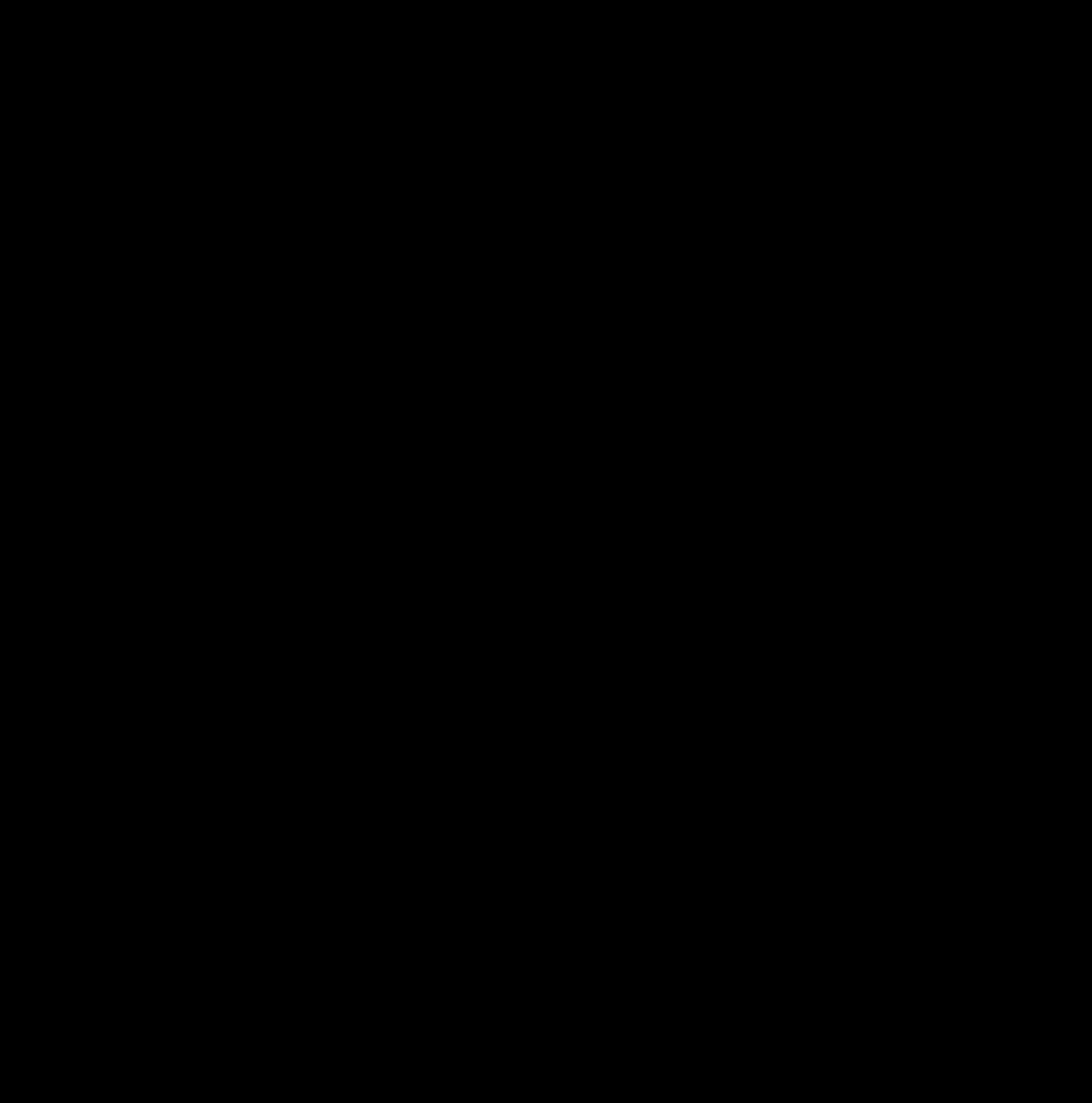
EDU MONTEIRO

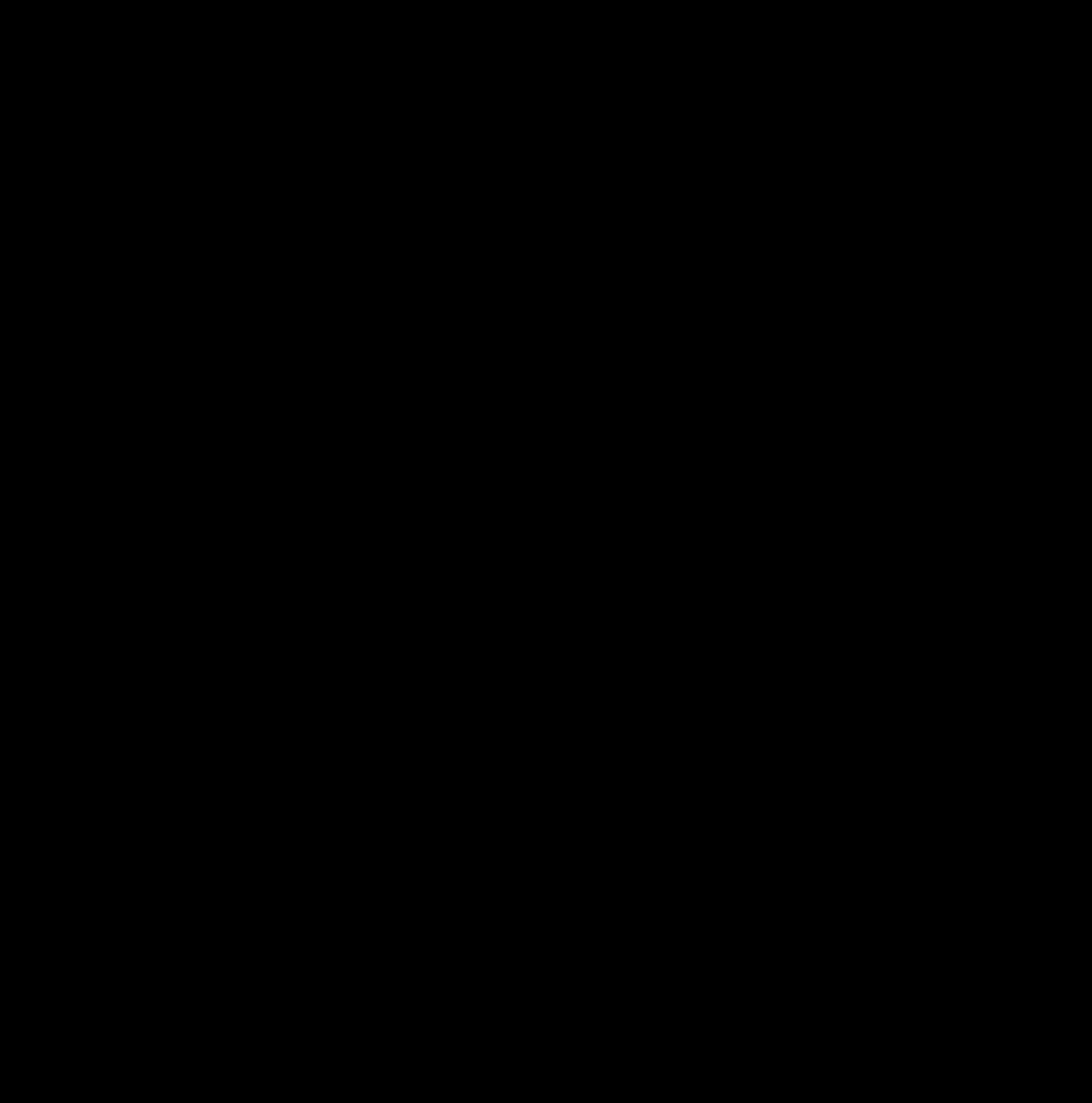
NAU
EDITORA





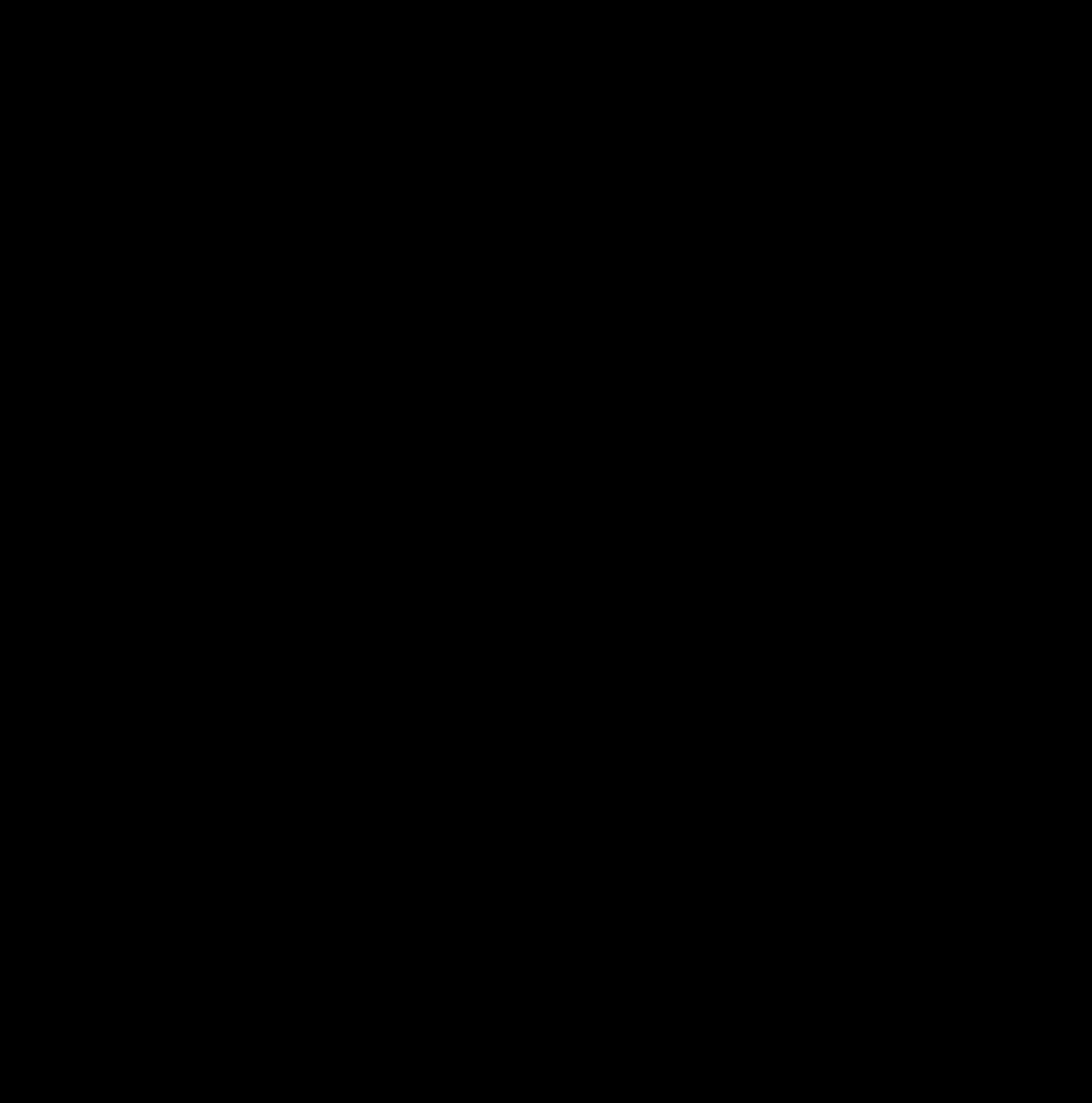












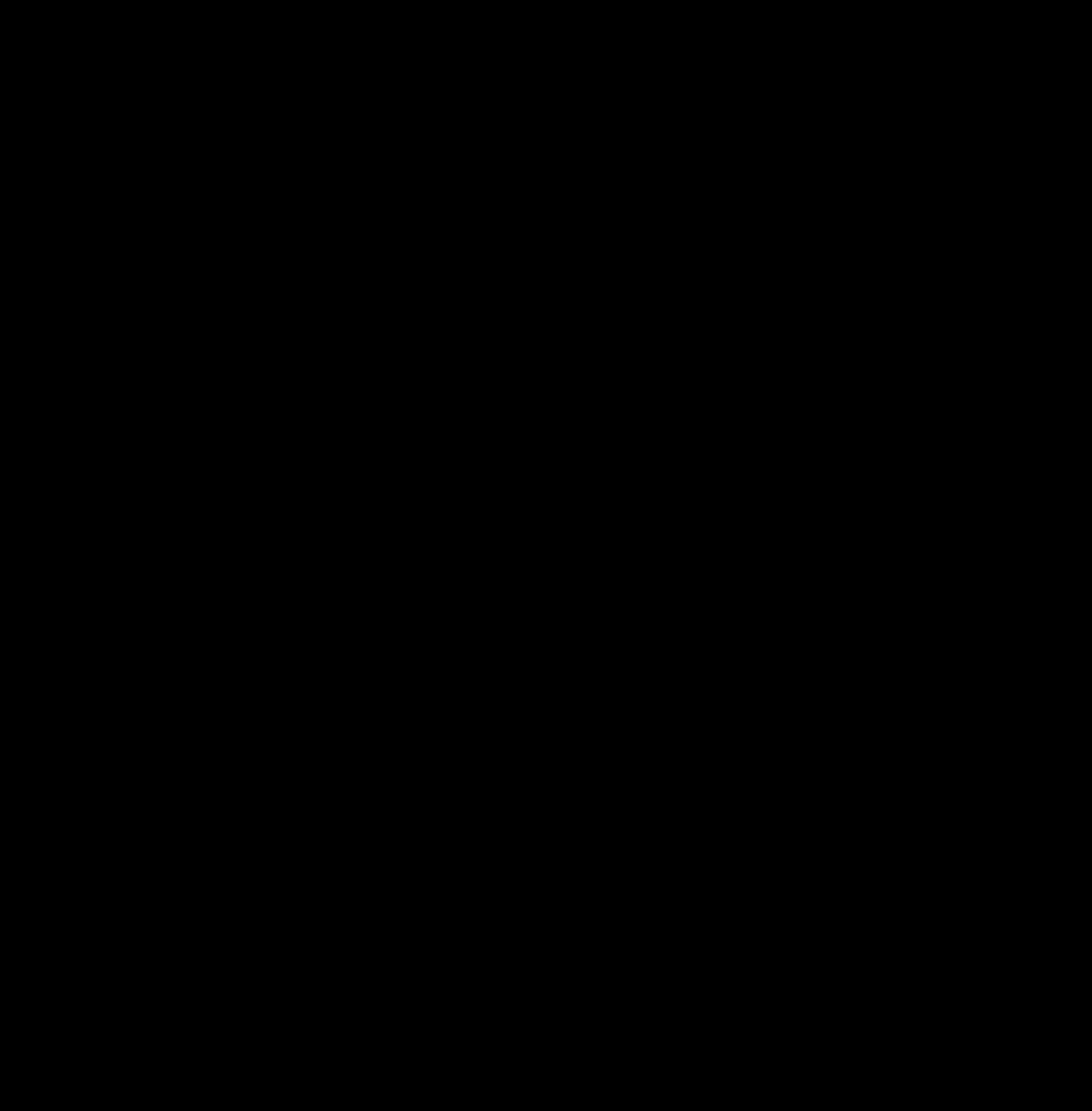












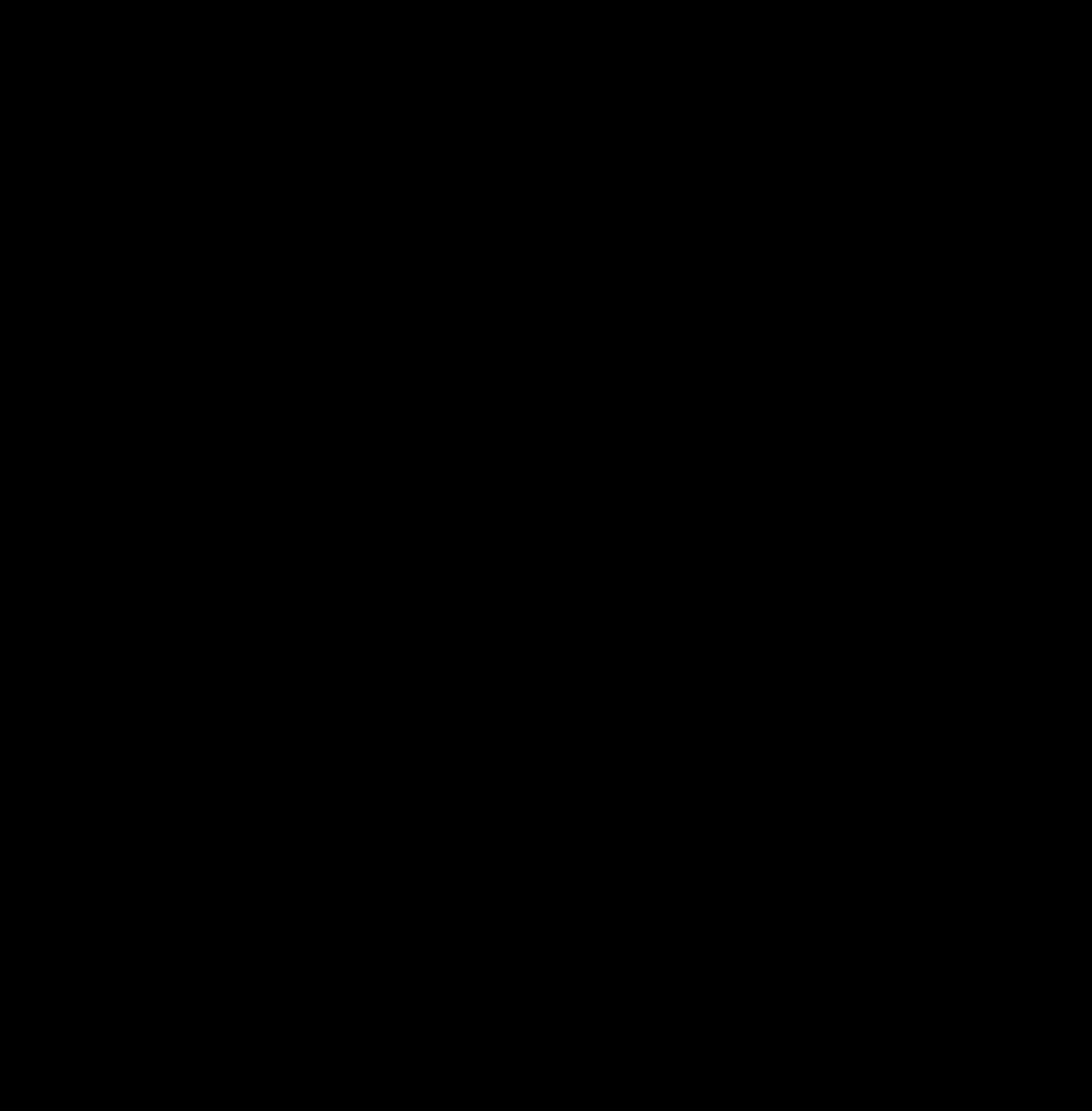












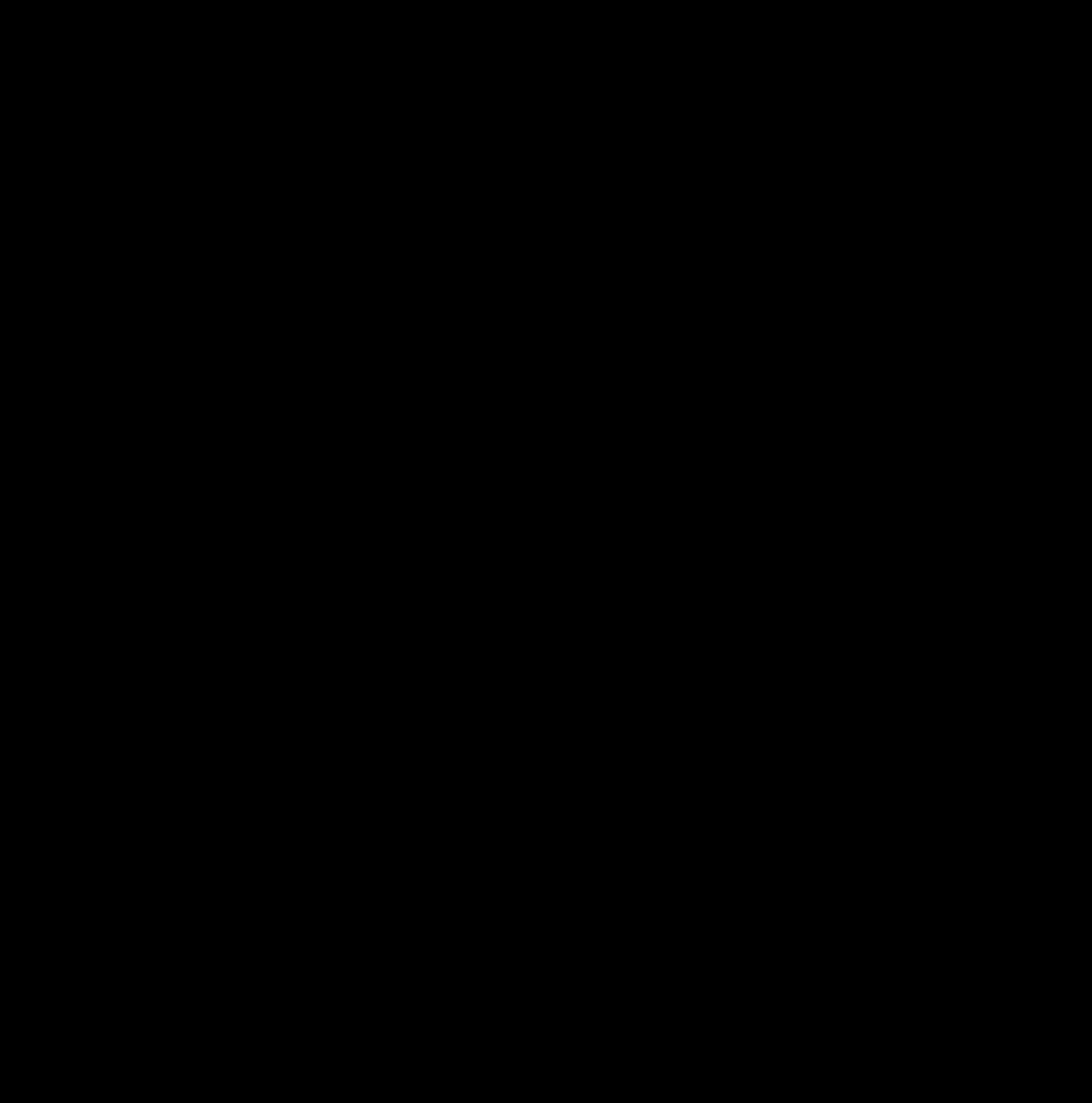


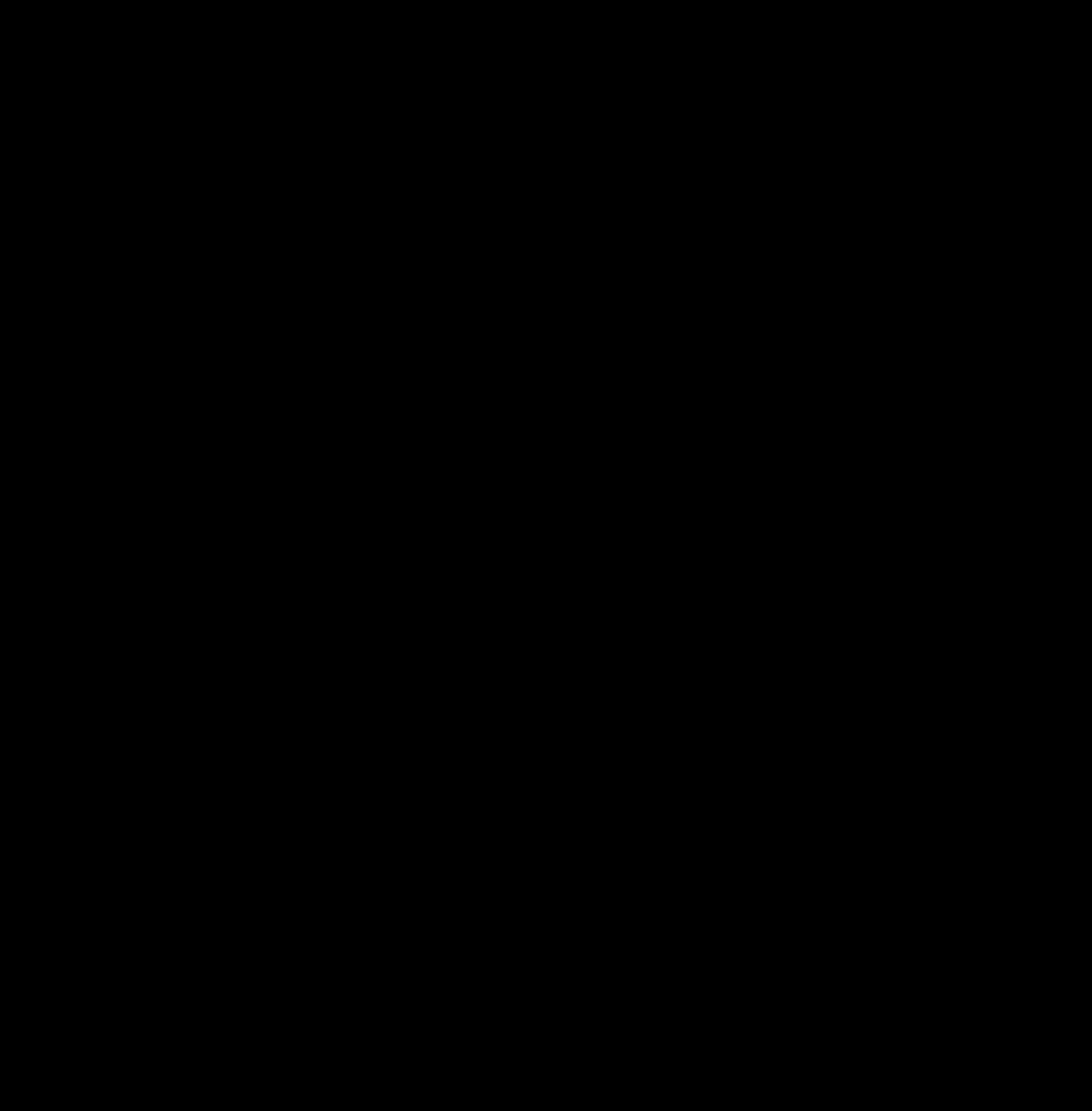


















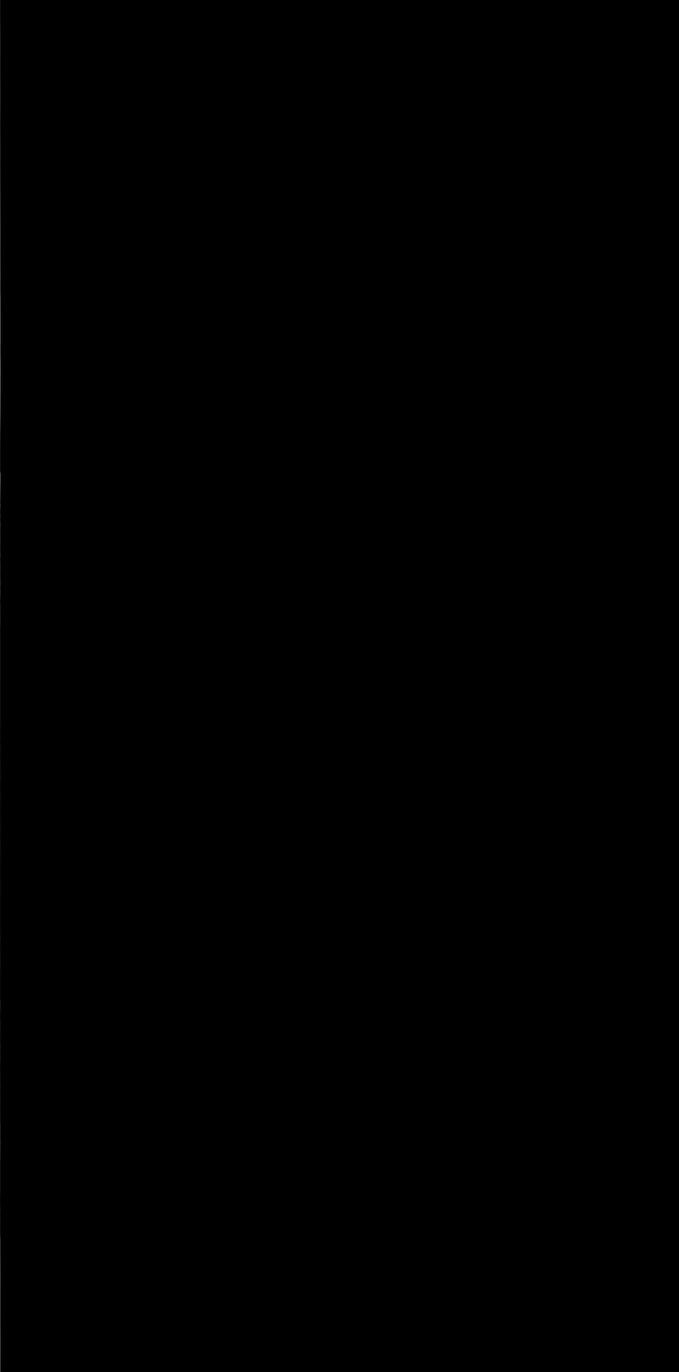




















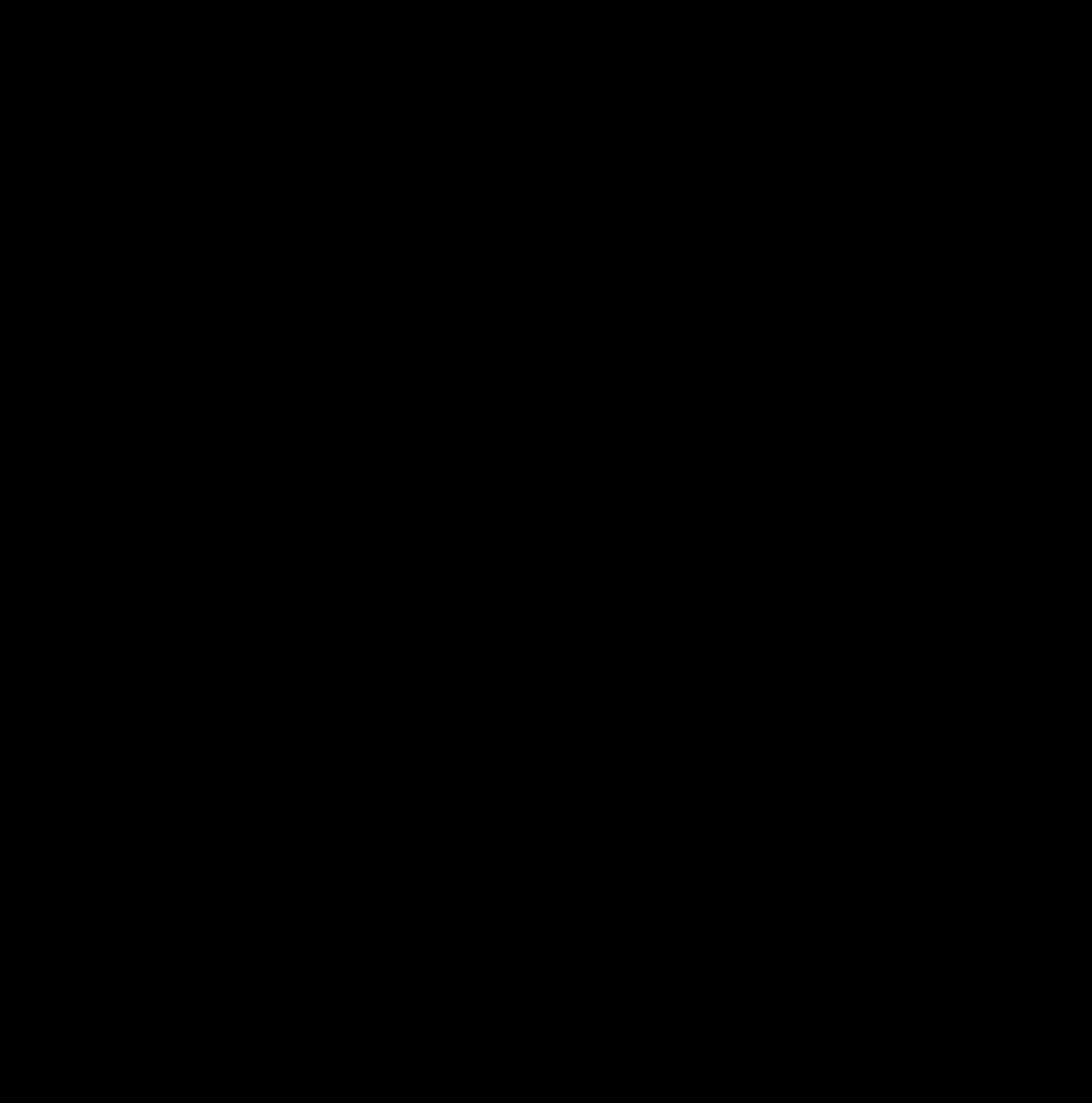


















Dança tectônica

“Portamos o espaço diretamente na carne.”

Didi-Huberman.



Ritmada pelo Sol, a Terra baila no espaço há mais de 4 bilhões de anos, em constante movimento, interno e externo, e como uma fita de Moebius o dentro e o fora se complementam. Organismo forte e ritmado, que, apesar da atual disritmia do antropoceno, essa nova era marcada pela devastadora ação humana continua a planar pelo cosmo.

Caminhar nas bordas dos cânions da região de Aparados da Serra é transitar no espaço-tempo, viajar em uma história radicalmente mais profunda e anterior ao surgimento da nossa espécie. É flutuar simultaneamente na realidade cósmica e em nossa realidade interior. Das primeiras ferramentas de pedras lascadas utilizadas há cerca de 2 Ma (milhões de anos) atrás, que garantiram a sobrevivência dos primeiros hominídeos, passando pelo surgimento do ser humano moderno há algumas dezenas de milhares de anos, até chegar à alta industrialização e decorrente poluição das últimas décadas, a relação do homem com o planeta mudou vertiginosamente. Em um tempo histórico ínfimo, os ritmos terrestres anteriores foram atravessados, o humano desaprendeu a dançar.

No alto do cânion do Itaimbezinho, que significa “pedra afiada” em tupi-guarani, localizado na divisa entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o vento sopra forte, urubus aproveitam a encosta para fluir no desenho invisível do ar. Voam sobre formações rochosas que guardam vestígios dos principais eventos geológicos ocorridos na terra, entre eles Gondwana, o supercontinente resultante da colisão de antigos continentes situados próximo ao Polo Sul há 600 Ma. A rota desse bloco terrestre é marcada por eventos impactantes, como a deriva ao Norte que resultou na sua colisão há 270 Ma com a Laurásia, um antigo continente do hemisfério Norte. Essa união gerou a poderosa Pangéia, união de todas as massas de terra emersas do globo.

Por volta de 230-225 Ma, uma intensa diversidade de fauna se desenvolveu, originando répteis que antecederam aos dinossauros. Devido à sua enorme área e conseqüente bloqueio de calor oriundo do manto terrestre, Pangéia se fraturou, originando, assim, continentes menores. Em torno de 132 Ma atrás, falhas gigantescas fragmentaram Gondwana, extravasando um volume imenso de lavas durante 5Ma. Um tempo curto para tamanha ação, que resultou em sucessivas camadas de basalto e formação dos cânions. Há 65 Ma aconteceu a separação

definitiva entre América do Sul e África. Desfecho final de Gondwana e surgimento do Oceano Atlântico, cuja base se expande até hoje, na velocidade de 3 cm/ano.

Em cadência lenta, quase imperceptível como o crescer das unhas, a Terra continua sua dança. Placas tectônicas movimentam-se em diferentes direções e velocidades relativas, controlando a dinâmica e a transformação constante dos continentes. Processos geológicos atuando diretamente nessas rochas originaram os cânions do Itaimbezinho, Fortaleza, Malacara e outros da região, erodindo vagarosamente suas escarpas, paisagens verticais aparentemente sólidas e quietas são redesenhadas constantemente há centenas de milhões de anos. A memória dessa longa trajetória da Terra encontra-se viva em suas rochas.

Contemplado com o primeiro lugar no XVI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, Paisagem Vertical é uma cartografia pessoal que subverte a representação comum do espaço. Também é o encontro de dois trabalhos distintos carregados de afeto. Em 1997, Edu Monteiro morou e fotografou a região de Aparados da Serra, na divisa entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, durante seis meses. Quase 25 anos se passaram e esse material fotográfico com cerca de mil negativos em P&B médio formato, fotografados com uma câmera Hasselblad, permaneceu inédito.

São registros do início das transformações causadas pela chegada do asfalto e, principalmente, das famosas paisagens verticais do Sul do país. Os antigos tropeiros chamaram essas encostas de Aparados por sua verticalidade, e, para eles, essas grandes gargantas, os cânions, pareciam ter sido cortados à faca. Processos tectônicos e erosivos constituíram a região com características singulares. Em um diálogo entre imagens anteriores e novas dessa região, realizadas em 2022, sujeito e espaço se confundem, tensionam a relação entre natureza e cultura através de fotografias atravessadas por performance, objetos escultóricos e outros caminhos que marcam as mudanças no local e na poética do autor ao longo desses anos.

Referências:

MENEGAT, R.; PORTO, M. L.; CARRARO, C. C.; FERNANDES, L. A. D. Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário
Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

M775p Monteiro, Edu.
Paisagem vertical / Edu Monteiro.
1. ed. - Rio de Janeiro : NAU Editora, 2022.
110 p.; fotografias; 18 x 18 cm.
E-Book: 19 Mb; PDF.

ISBN 978-65-87079-80-6.

1. Aparados da Serra. 2. Arte Contemporânea. 3. Fotografia.
4. Prêmio Marc Ferrez. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 770
CDU 77.03

Ficha técnica:

Conceito, texto e fotografia: Edu Monteiro
Edição e curadoria: Márcia Mello e Edu Monteiro
Projeto gráfico: João Paulo Pereira
Tratamento de imagens: Fotonauta
Consultoria geológica: Luís Alberto Dávila Fernandes
Revisão: Nathália Boni Cadore

XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

NAU
E D I T O R A

